

A RESISTÊNCIA CATÓLICA NA DITADURA MILITAR (1964-1985): O LEGADO DO PADRE IBIAPINA COMO PRECURSOR DA OPÇÃO PELOS POBRES

Noemia Dayana de Oliveira¹

RESUMO: A historiografia brasileira nos últimos quinze anos priorizou as discussões acerca da Ditadura Militar numa perspectiva revisionista, de modo que as contribuições realizadas pelos estudiosos marxistas ficaram relegadas ao segundo plano. Esta tendência que havia sido dominante nas universidades em fins do século XX, colaborou para os estudos realizados acerca das relações entre a Igreja Católica e a Ditadura Militar, além de que as práticas realizadas nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) tinham orientações pautadas nas concepções do materialismo histórico. Nesse sentido, objetivamos analisar um dos ícones católicos que teve proeminente referência na práxis católica nordestina nos anos de chumbo, como uma espécie de pioneiro da Igreja dos Pobres no Brasil – o padre cearense José Antônio de Maria Ibiapina. Com isso, pretendemos avaliar qual foi a contribuição do reverendo, atuante nos sertões nordestinos na segunda metade do século XIX, para os movimentos católicos de base cem anos depois da sua morte.

Palavras-chave: CEBs; Igreja dos Pobres; Padre Ibiapina.

ABSTRACT: Brazilian historiography in the last fifteen years prioritized discussions about the Military Dictatorship in a revisionist perspective, so that the contributions made by Marxist scholars were relegated to the background. This tendency, which had been dominant in the universities at the end of the twentieth century, contributed to the studies carried out on the relations between the Catholic Church and the Military Dictatorship, and the practices carried out in the Basic Ecclesial Communities (CEBs) had orientations based on the conceptions of historical materialism. In this sense, we aim to analyze one of the Catholic icons that had a prominent reference in the Northeastern Catholic praxis in the lead years, as a pioneer of the Church of the Poor in Brazil - Ceará priest José Antônio de Maria Ibiapina. With this, we intend to evaluate the contribution of the Reverend, active in the Northeastern backlands in the second half of the nineteenth century, to the Catholic movements of the base one hundred years after his death.

Keywords: CEBs; Church of the Poor; Father Ibiapina.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os estudos sobre o golpe de 1964 e a ditadura militar que se instalou posteriormente, ganharam robustez nos últimos quinze anos a partir da instalação das Comissões da Verdade e, conseqüentemente, a abertura de arquivos e informações acerca desse episódio. No entanto, esses estudos foram marcados por uma tradição historiográfica não mais definida em “termos sociais (classes e suas frações), mas em termos políticos ‘puros’, como ‘direitas’ e ‘esquerdas’”².

Segundo o historiador Marcelo Badaró Mattos, essas tentativas de rever os estudos sobre o golpe e a ditadura vieram, em grande medida, do grupo de pesquisas do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas-Rio de Janeiro, os quais interessados em reformular o sentido de classe na historiografia especializada sobre o assunto, caíram sobre as armadilhas do revisionismo acadêmico. Essa tendência não é um fenômeno isolado, de modo que está presente também em outras áreas do conhecimento, e atua especificamente na reconsideração do conceito de classe dos fenômenos sociais e priorizando aspectos culturais e discursivos das relações humanas.

Na historiografia sobre o golpe de 1964 e a ditadura militar, o revisionismo contribuiu para afirmações como as de Daniel Aarão Reis Filho, Carlos Fico, Argelina Figueiredo e muitas outras, de que o golpe da direita foi vitorioso em relação ao suposto golpe de esquerda que existia, ou seja, a esquerda que agia como anti-democrática foi interrompida pela ação dos militares que pretendiam reorganizar o executivo e a ordem política vigente a época.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista CAPES. E-mail: noemia_oliveira@hotmail.com

² MATTOS, Marcelo Badaró. O sentido de classe do golpe de 1964 e da ditadura: Um debate historiográfico. In: ZACHARIA-DHES, Grimaldo Carneiro (org.). *1964: 50 anos depois – a ditadura em debate*. Aracaju: EDISE, 2015. p. 54.

As produções historiográficas que ganharam expressiva visibilidade nos encontros acadêmicos dos 50 anos do golpe, priorizaram as considerações de que existia um golpismo em perspectiva do presidente João Goulart; que os grupos de esquerda atuantes naquele cenário não eram democráticos e, através de um golpe, estalariam uma ditadura socialista no país; estão sob o julgo do culturalismo, ou melhor, o uso demasiado do conceito de “cultura política”; consideraram o período como “modernização conservadora” ao invés de ditadura militar; e por fim, abandonam o conceito de classe.

Essas categorias, que foram elencadas em artigo pelo historiador Carlos Fico, correspondem as principais diferenças existentes entre os historiadores revisionistas e os que priorizam as perspectivas marxistas. Contudo, outras diferenças podem ser elencadas, mas no espaço desse estudo cabe entendermos o peso que o revisionismo trouxe para as produções que se debruçam sobre as interfaces das relações entre a Igreja Católica e a Ditadura Militar, uma vez que estas também estão no escopo das preocupações historiográficas.

O principal livro que se preocupou em investigar a Ditadura Militar a partir das atrocidades cometidas foi *Brasil Nunca Mais*, organizado por Dom Paulo Evaristo Arns e publicado pela editora católica Vozes em 1985. Este livro foi esforço clandestino de uma equipe (organizada pelo supracitado arcebispo de São Paulo) para recolher informações em documentos produzidos pela Ditadura Militar. A iniciativa contribuiu para inúmeros estudos precedentes e se configura como um enfrentamento dos católicos perante o estado ditatorial, contudo, não tinha como objetivo principal descrever qual foi o papel da Igreja Católica durante os anos de chumbo.

Sobre esse papel e diante do contexto católico na época – Igreja faz opção pelos pobres e sistematização da teologia da libertação – muitas produções brasileiras surgiram sendo seus principais contribuidores: Leonardo Boff, Clodovis Boff, José Comblim, Dom Hélder Câmara e Frei Betto. Era o momento de reorganizar a Igreja Católica em função da mensagem cristã como norteadora de ações para libertação dos oprimidos, de modo que a nova práxis católica estivesse mais próxima de leituras humanistas e libertadoras. Para isso, os teólogos citados aproximaram-se das leituras marxistas, fazendo uso de categorias como “classe”, “subalternidade” e “resistência” para compreender o contexto latino-americano das ditaduras e das opressões sociais e econômicas.

No entanto, o movimento católico que se convenciou chamar de “cristianismo da libertação”, diretamente influenciado pelas experiências de opressão vivida pelos pobres em suas realidades de miséria e suspensão de liberdades individuais pelas ditaduras militares instaladas nas décadas de 1960 e 1970 na América Latina, estruturou-se a partir de escritos teológicos, transformando-se em arcabouço teórico de pretensões exclusivamente práticas. As ações libertadoras oriundas no seio da comunidade católica pobre e ruralizada, deram origem as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que segundo Frei Betto são grupos organizados em torno da paróquia rural ou urbana por iniciativa de leigos, padres ou bispos. Estes são motivados pela fé, vivendo em “comum-união em torno de seus problemas de sobrevivência, de moradia, de lutas por melhores condições de vida e de anseios e esperanças libertadoras”³.

Durante os anos que se seguiram a ditadura militar, as CEBs tornaram-se lugar de resistência em prol de garantias sociais, intelectuais e religiosas. Logo a ação desses grupos passou a ser “tarefas sociais: luta por moradia, eletricidade, esgoto ou água nos bairros urbanos, lutas por terra no campo”⁴. No entanto, nem sempre essas comunidades possuem o componente “político”, o que

3 BETTO, Frei. *O que é comunidade eclesial de base?* São Paulo: Abril, 1985.

4 LÖWY, Michael. *O que é cristianismo da libertação: religião e política na América Latina*. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2016. p. 96.

torna as práticas pouco reivindicatórias e mais “populistas”. Mas, apesar disso, foi graças a esses espaços (e continua sendo) que na América Latina e, principalmente, no Brasil durante os anos de chumbo, se pôde contar com o fortalecimento dos movimentos de base em atuação contra a ditadura.

As CEBs, bem como outros movimentos políticos, possuem um escopo de linguagens e símbolos que são de natureza sacra e/ou católica. Embora estejam próximos dos conteúdos politizados – o que transformou esses espaços marginalizados pela cúpula oficial da Igreja Católica e, conseqüentemente, mira dos militares durante a ditadura militar –, observou-se que nas comunidades eclesiais de base situadas no Nordeste, os integrantes optaram por eleger personagens católicos que tiveram expressiva atuação junto ao povo pobre da região, foram eles: Dom Hélder Câmara, padre José Comblim e o padre Ibiapina. Este último, que viveu e atuou no século XIX nos sertões nordestinos, é investigado aqui como primeira expressão do cristianismo da libertação no Brasil, portanto, o precursor da opção pelos pobres na Igreja Católica.

PADRE INIPIANA: O PRECURSOR DA OPÇÃO PELOS POBRES NO BRASIL

Em fevereiro de 1983, por ocasião do centenário de morte do padre José Antônio de Maria Ibiapina, foi realizado um simpósio no convento Ipuarana, localizado na cidade de Lagoa Seca/PB. Naquela ocasião, a Igreja do Nordeste vivia a emergência da opção pelos pobres e buscava resgatar expoentes dessa prática social e historicamente. A reunião de pastoralistas e estudiosos transformou-se em livro organizado e editado pela Comissão de Estudos da História da Igreja na América Latina, o CEHILA, um ano depois⁵.

Com o passar dos anos, surgiu a necessidade de um segundo encontro acerca da vida e obra do padre Ibiapina, sendo este realizado em 2015, na cidade de Crato/CE, o qual teve como lema a discussão dos 150 anos das andanças do missionário no cariri cearense. Nessa ocasião e sob outras perspectivas sociais, o evento reuniu estudiosos para analisar os benefícios que o reverendo deixou para o estado do Ceará, especialmente sob a luz da institucionalização católica. Entretanto, esqueciam-se os palestrantes que foram os homens da Igreja oficial daquele estado os responsáveis, há mais de 100 anos atrás, de expulsar e condenar as práticas sociais desenvolvidas por ele em conjunto com os pobres, seus seguidores⁶.

Atualmente, há mais de 35 anos do primeiro encontro realizado em Lagoa Seca, a ordem do dia novamente se aproxima da mobilização social ocorrida outrora contra as atrocidades da ditadura militar, cujo contexto político e cultural era amordaçado pela violabilidade da dinâmica democrática e jurídica, diretamente atrelado à ameaça de grupos fascistas que conquistaram o poder por meio da adesão de uma pequena parcela da população, interessada em manter seus interesses e benefícios frente às questões sociais. Em consequência disso, a resistência foi oriunda de vários segmentos da sociedade, dentre os quais estavam os moradores rurais, os trabalhadores urbanos, os estudantes, os católicos, enfim, as chamadas “minorias”.

Dito isso, acreditamos que as motivações que robusteceram as lutas por direitos políticos, sociais e culturais durante as décadas de 1960 a 1980, voltam à tona nos dias de hoje, evidentemente, com as devidas ressalvas. Para tanto, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, que começou a

5 O livro intitula-se *O Padre Ibiapina e a Igreja dos Pobres* com organização de Eduardo Hoornaert e Georgette Desrochers.

6 O primeiro bispo da diocese do Ceará era Dom Luís Antônio dos Santos, indivíduo imbuído pelas instruções advindas de Roma que, a partir da segunda metade do século XIX, passou a cercar a participação de leigos nas atividades católicas. Por esse motivo, expulsou o padre Ibiapina da província e tomou-lhe a posse das Casas de Caridade, instituições educacionais dirigidas por mulheres pobres e leigas daquela região. Para maiores informações ver Oliveira (2015).

se estruturar naquele momento, nos dias de hoje representa o maior órgão de resistência rural do país. Em diálogo com os setores mais progressistas da Igreja Católica, o MST corresponde hoje a continuidade das experiências vivenciadas há mais de cem anos atrás por sertanejos seguidores do padre Ibiapina no Nordeste brasileiro.

Para melhor compreendermos a emergência dos pobres na Igreja católica, é preciso que façamos um pequeno resgate dos traços biográficos de José Antônio de Pereira Ibiapina, que se transformou em referência nacional da opção pelos pobres frente à igreja oficial do século XIX. De naturalidade cearense, formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, logo tornou-se professor, deputado federal e advogado, atividades que desempenhou antes de ordenar-se padre em 1853. Depois disso, tornou-se vigário geral da Diocese de Recife e Olinda, onde atuou pouco menos de três anos, quando resolveu dedicar-se as missões religiosas no Nordeste rural, mais especificamente, a construção de obras sociais, em conjunto com os homens e mulheres carentes, que passaram a atuar diretamente na erradicação da própria necessidade material e econômica.

Num período em que a Igreja brasileira passava pelo processo de romanização, cuja participação de “leigos(as)” era estritamente proibida – movimento institucional da Igreja Católica que ficou conhecido como *Ultramontanismo* –, as feitura do padre Ibiapina iam de encontro com o estabelecido, pois que acreditava na capacidade do nordestino como autor da própria história e do próprio sustento. Contudo, a miséria dos sertões nordestinos era fomentada pelos donos do poder, o que impactava diretamente na desmobilização dos pobres em torno dos problemas sociais.

Por isso, pode-se visualizar a emergência pelos pobres na Igreja a partir das ações do padre Ibiapina nos sertões nordestinos, o qual preservou as particularidades dos sertanejos, valorizando os hábitos e as atitudes dos oprimidos, de modo que a sua interferência se deu primordialmente na organização e potencialização de grupos atuantes, num sistema de autogestão, distante da tutela do estado imperial, que visava à dizimação das camadas populares, como ocorreu no arraial de Canudos, anos após a morte de Ibiapina.

Capacitando os beatos e as beatas ao trabalho manual e intelectual (muitas irmãs tornavam-se professoras de primeiras letras nas instituições educacionais, Casas de Caridade) e na educação, o missionário tornava os “desclassificados do sistema” em profissionais, em contrapartida ao sistema de escravidão; bem como letrados, em detrimento do analfabetismo que se abatia sobre essa população. Entretanto, este modo de vida nunca obteve a aprovação dos cânones católicos, uma vez que ameaçava a hierarquia da igreja e não estava a serviço da acumulação de bens (prática comum entre os padres do século XIX, possuidores de escravos e de terras), mas da mudança do povo pobre do sertão nordestino.

Tendo em vista o caráter eminentemente prático da mensagem deixada pelo padre Ibiapina, reconhecemos que este foi o primeiro, em termos sociais e contestatórios, a trazer a emergência do pobre para o interior da Igreja Católica no Brasil. As iniciativas anteriores que remontam a história do Brasil colonial e imperial de padres como Gabriel Malagrida, frei Caetano de Messina, Manuel José Fernandes e frei Serafim de Catina, além dos sucessores Antônio Conselheiro e padre Cícero, não concentram a mesma capacidade, nem tão pouco a mesma sistematização que as Casas de Caridade, os hospitais, as escolas, os cemitérios e, o mais importante, a organização dos sertanejos oprimidos em prol de transformação social, a partir da segunda metade do século XIX.

Partindo disso, não é possível entender a prática dos pobres católicos sem levar em consideração o lugar do catolicismo rural na luta de classes, o qual a partir das ações do padre Ibiapina juntamente com seus seguidores, ganhou ares de resistência à opressão estabelecida pelo sistema

imperial de escravidão e a propriedade privada de terras. Antes mesmo da guinada da Igreja Católica oficial pelos pobres, ocorrida através do Concílio Vaticano II em 1968, Ibiapina atuou na sociedade oitocentista em conjunto com os pobres, denunciando os abusos imperial, seja da cúpula do governo, da Igreja oficial e dos senhores proprietários de terras.

Diferentemente do que aponta os estudos sobre o cristianismo da libertação, os quais elegem como o marco inicial dessa opção pelos pobres no Brasil e na América Latina a segunda metade do século XX, mais especificamente, depois da Segunda Guerra Mundial e o avanço da industrialização na sociedade capitalista, levantamos o argumento, com base na análise histórica e social da prática ibiapiniana, que essa opção teve seu início 100 anos antes, em 1860, no interior do Nordeste, mais especificamente na Paraíba, Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e Piauí, localidades que foram palco das transformações religiosas, materiais e econômicas do missionário.

No entanto, para entendermos o impacto do cristianismo da libertação⁷ (termo cunhado por Michael Löwy) é necessário entender sua gênese. Como foi dito anteriormente, discordamos da afirmação em que ele considera que as “mudanças internas e externas à Igreja que ocorreram na década de 1950, e que se desenvolveu a partir da periferia e na direção do centro da instituição”⁸, sejam o marco inicial da emergência da opção pelos pobres da Igreja Católica, mais especificamente no Brasil. Ao contrário, acreditamos que esta tem origem ainda no período escravocrata, sistema cujo império sustentava-se e alicerçava as suas forças de dominação sobre os pobres. Isto porque as várias áreas de afinidades da Igreja, ressaltadas também por Löwy a partir da categoria de *afinidades eletivas* de Max Weber, apareceu ainda no catolicismo rural do século XIX, vivenciado pelos pobres e por leigos. Estas categorias são: a libertação dos escravos e oprimidos; a valorização do pobre (pobre e proletário); universalismo; crítica ao individualismo; valorização da comunidade; anti-capitalismo; esperança de um futuro reino de justiça e liberdade, de paz e fraternidade⁹.

Tendo em vista que “a teologia da libertação não é a origem do cristianismo radical, mas sim, como insistem os próprios teólogos, o produto, o resultado de toda uma prática, de uma experiência anterior”¹⁰, acreditamos que o contexto que originou essa guinada de religiosos para a realidade miserável dos pobres remonta o século XIX, no qual se processou o endurecimento das práticas clericais no Brasil. Isto é, confronto com ideias como o liberalismo, o cientificismo e o positivismo resultou na produção e divulgação da bula papal *Syllabus*, a qual assinalou mais de oitenta atitudes consideradas equivocadas pelas autoridades católicas. Esse era o período da aproximação de padres com a Maçonaria, da descaracterização do clero, o que paralelamente contribuiu para a forte presença de leigos nas liturgias católicas. Não é a toa que a criação das primeiras dioceses no interior do país, impactou na exclusão de leigos e leigos desses espaços, como também de padres que aderiram à opção pelos pobres. Ibiapina foi um deles.

No entanto, os estudos sobre o cristianismo da libertação se voltam em sua totalidade para a defesa do argumento que essas práticas tiveram seu início na década de 1960 na América Latina, mais especificamente nas cidades com grandes centros urbanos. Perante essas afirmações, nota-se a posição de segundo plano do Brasil, embora os principais teólogos dessa expressão sejam de ori-

7 Teologia da Libertação e Cristianismo da Libertação são variações sobre o mesmo tema, isto é, “teologia” significa a sistematização de discursos acerca de práticas. Em decorrência disso, a Teologia da Libertação se estruturou a partir do livro homônimo do padre Gustavo Gutierrez de 1974, contudo, explica Michael Löwy, as práticas que fundamentaram essa teologia são antecedentes, de modo que estão inseridas no Cristianismo da Libertação, termo que expressa mais amplamente o que analisamos nesse estudo. Para maiores informações ver Löwy (2016).

8 _____. *A guerra dos deuses. Religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes; CLACSO; LPP, 2000. p. 69.

9 LÖWY, Michael. Marxismo e cristianismo na América Latina. In: *Lua Nova*, n° 9. São Paulo, Nov. 1989. p. 5-21..

10 *Idem.*, p. 14.

gem brasileira, e mais, da região Sudeste, o que colabora para a desconsideração do Nordeste e das zonas rurais como precursores da opção pelos pobres na Igreja católica

Diante disso, os teólogos da libertação (Leonardo Boff, Clodovis Boff, Gustavo Gutierrez e outros) tomaram como ponto de partida para a explicação desse movimento as ditaduras que usurparam o poder a partir da década de 1960 nos países latino-americanos. Estas expressões políticas, por sua vez, representantes da opressão e da exploração, passaram a ser contestados pelos movimentos de esquerda católica, a exemplo da Juventude Católica Universitária (JUC) e outros movimentos de mesma ascendência.

No entanto, como foi dito anteriormente, a sistematização de ideias dos teólogos da libertação, na sua gênese, defendeu que estas eram resultantes de práticas anteriores ao momento de sua sistematização, o que nos leva a afirmar que o seu início remonta ao século XIX, mais propriamente no sertão nordestino. Essa origem demarca também os primeiros movimentos sociais do Brasil, os quais tinham o caráter expressivamente católico, de cunho “popular” e reivindicatório. Os cenários de opressão e ditatoriais vivenciados no século XX, nesse sentido, perdem lugar para a escravidão e o poder monárquico do imperador D. Pedro II.

Em artigo, o teólogo Luiz Araújo Pinto Júnior SJ (2002) afirma que o padre Ibiapina foi o precursor da Igreja dos Pobres no Brasil, tendo em vista o seu legado junto aos órfãos, especialmente mulheres, no que tange a emancipação humana desses sujeitos. A mensagem dele tinha caráter eminentemente prático, acentuando-se como “um chamado à conversão, para além das palavras e do condicionamento psicológico; um chamado a romper o isolamento individualista, no qual se encontrava o povo, através do testemunho de sua ação social”¹¹. Tal atitude tornou-se, portanto, referência para as CEBs no Nordeste, de modo que o escolheram como símbolo sócio religioso ao lado de Dom Hélder Câmara e o padre José Comblim, como se pode ver expresso no site Teologia Nordeste:



Imagem 1: Layout principal do site Teologia Nordeste

11 PINTO JÚNIOR SJ, Luis Araujo. O Padre Ibiapina, precursor da opção pelos pobres na Igreja do Brasil. In: *Perspectiva Teológica*, nº 34, 2002. p. 205.

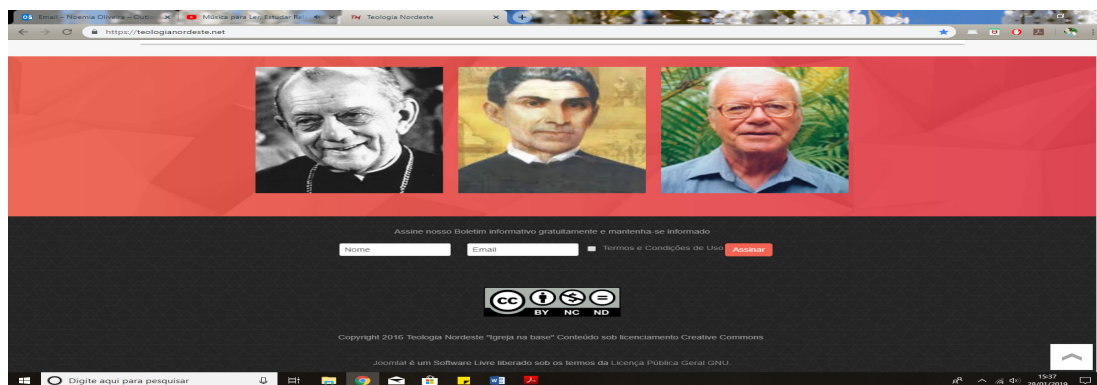


Imagem 2: Layout de pé de página do site Teologia Nordeste. Endereço eletrônico: <https://www.teologianordeste.net>

Para melhor compreendermos, o site Teologia Nordeste é uma plataforma digital, de caráter informativo, acerca do trabalho teológico e político de grupos de cristãos e cristãs, especialmente do Nordeste do Brasil. Eles constituem uma sessão brasileira do movimento internacional “Nós Também Somos Igreja”, com organização e orientação do padre José Comblin em 1998. Além desse grupo, existe ainda o “Grupo Igreja dos Pobres”, constituído de padres paraibanos que atuam periodicamente em comunidades e escolas missionárias. Estes são diretamente inspirados “no testemunho de vida do missionário do Nordeste Padre Antônio Ibiapina” e no “documento ‘Pacto das Catacumbas’¹² escrito pelos bispos conciliares em 1965, em Roma” (trechos retirados do site).

Os principais objetivos dos grupos (disponíveis também no site) são:

1. discernir, debater e ajudar a enfrentar os velhos e novos desafios, seja no âmbito macro-social, seja ao interno dos caminhos e descaminhos da Igreja Católica e de outras Igrejas Cristãs;
2. fortalecer e tornar mais afetivos e efetivos nossos laços organizativos, numa dimensão comunitária;
3. estudar e refletir sobre livros do teólogo José Comblin, em especial os dedicados à compreensão da missão do Espírito Santo no mundo, na perspectiva da Teologia da Libertação, da qual ele é uma das primeiras referências;
4. debater textos de outros teólogos e teólogas, tais como Hans Küng, Carlos Mesters, Ivone Gebara, Jon Sobrino, Leonardo Boff, Eduardo Hoornaert, Jean-Yves Leloup, Hugo Echegaray, etc.;
5. intercambiar e refletir sobre relatos de nossas experiências de cidadãos e de cristãos junto às pessoas e às comunidades de distintos espaços de que participamos;
6. fazer memória dos acontecimentos, numa perspectiva de mútua ajuda;
7. fazer intercâmbio com pessoas e grupos de outros lugares, regiões e países, notadamente com os grupos de cristãs e cristãos empenhados na luta por mudanças libertárias na sociedade e nas igrejas;
8. organizar periodicamente seminários, colóquios, fóruns de diálogo com outros sujeitos históricos. Ressalte-se que não é objetivo do Grupo propor nem insinuar uma “igreja paralela”, mas sim, manifestar, na confiança e na liberdade que o Espírito de Jesus inspira, o compromisso com a permanente renovação da Igreja, na perspectiva do Seguimento de Jesus.¹³

¹² Esse documento foi redigido e assinado por quarenta padres e bispos durante o Concílio Vaticano II, com o intuito de comprometer-se com uma vida de pobreza sem símbolos e privilégios de poder, colocando assim os pobres no centro da vida pastoral da Igreja Católica.

¹³ Informações disponíveis no endereço eletrônico <https://www.teologianordeste.net/>

Inspirados na vida missionária do padre Ibiapina e com a supervisão do padre José Comblim (falecido em 2011), reconhecido contribuidor da Teologia da Libertação, os maiores grupos católicos atuantes hoje na Paraíba e no Nordeste continuam resistindo contra a miséria, a opressão, a individualidade e o descompromisso do Estado capitalista para com os pobres. A forte presença de ações em conjunto correspondem ao entendimento do grupo sobre a necessidade de se manterem unidos e coesos frente as dificuldades tanto a nível macro quanto micro. Ressalta-se ainda nos objetivos a organização de atividades e o intercâmbio com outros grupos de outras localidades, o que reafirma a necessidade de se manifestar e tornar cada vez mais nítido o compromisso de renovação e liberdade da Igreja Católica.

Estas iniciativas surgiram na década de 1960, com influência da práxis ibiapiana um século antes, e se estendem ainda hoje entre os grupos cristãos atuantes no Nordeste. A maior contribuição do padre Ibiapina está no fato do reconhecimento sertanejo acerca da sua força em organizar-se e atuar sobre a sua própria realidade. Embora ele não tenha utilizado instrumentos políticos e teóricos nas suas missões para conscientizar os seus seguidores da sua condição social, esta não deixou de ser questionada e enfrentada por ele e por quem o seguiu. E não é a toa, pois que sua mensagem continua viva e atuante entre os católicos progressistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância de retomarmos histórica e sociologicamente a origem dos movimentos rurais sob a perspectiva da emergência da opção pelos pobres, contribuiu para entendermos a dinâmica que mais uma vez se projeta no país, cuja experiência hoje aponta para a adesão de teses fascistas e, em contrapartida, a continuidade de práticas e concepções libertadoras, como as que estão professadas nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e a Comissão Pastoral da Terra (CPT). A presença de católicos progressistas entre esses movimentos constitui expressivo quadro, de modo que foram estas mesmas forças que estiveram à frente de grupos organizados e auto-gerenciados contra a ordem vigente do século XIX.

A relevância de entendermos essa dinâmica em sua gênese contribui para o alargamento das noções de resistência no Nordeste, bem como de enfrentamento contra a classe dominante, a qual só tem lugar, atualmente, tanto na sociologia quanto na história, a partir dos movimentos sociais do eixo centro-sul, mais especificamente, os centros urbanos e industrializados. Ao contrário do que se pretendeu até agora, o estudo que aqui se apresentou tem vistas a fornecer subsídios históricos, do surgimento da emancipação subalterna no espaço rural, com fortes influências religiosas, as quais só podem ser pensadas na totalidade.

Por essa razão, a primordialidade desse estudo reside na atualização dos movimentos sociais por meio da reconstituição sócio-histórica da sua origem, de maneira que encaminhe novas propostas para as práticas desses sujeitos, primeiramente organizada através da opção pelos pobres na Igreja Católica, mas consideravelmente expressiva na transformação social, cultural e religiosa não só dos católicos, mas de todos os camponeses.

REFERÊNCIAS

DIGITAL

TEOLOGIA NORDESTE. Igreja na base. Disponível em: <<https://teologianordeste.net/>>. Acesso em 10 de janeiro de 2019 às 17h51min.

BIBLIOGRÁFICAS

- ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Brasil Nunca Mais*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BETTO, Frei. *O que é comunidade eclesial de base?* São Paulo: Abril, 1985.
- BOFF, Clodovis. *Cartas teológicas sobre o socialismo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1989.
- BOFF, Leonardo. *Teologia do cativo e da libertação*. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.
- COMBLIM, José. *Teologia orgânica: Teologia da libertação, teologia neoconservadora e teologia liberal*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- DESROCHERS, Georgette; HOORNAET, Eduardo (orgs.). *Padre Ibiapina e a igreja dos pobres*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.
- FICO, Carlos. Ditadura militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas. In: *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, vol. 9, nº 20, pp. 05-74. Jan./Abr. 2017.
- FIGUEIREDO, Argelina. *Democracia ou reformas? Alternativas democráticas à crise política: 1961-1964*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- GUTIERREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.
- LÖWY, Michael. Marxismo e cristianismo na América Latina. In: *Lua Nova*, nº 9. São Paulo, Nov. 1989. p. 5-21.
- _____. *A guerra dos deuses. Religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes; CLACSO; LPP, 2000.
- _____. *O que é cristianismo da libertação: religião e política na América Latina*. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2016.
- MATTOS, Marcelo Badaró. O sentido de classe do golpe de 1964 e da ditadura: Um debate historiográfico. In: ZACHARIADHES, Grimaldo Carneiro (org.). *1964: 50 anos depois – a ditadura em debate*. Aracaju: EDISE, 2015. p. 35-83.
- OLIVEIRA, Noemia Dayana de. *Padre Ibiapina e a educação feminina no Nordeste oitocentista*. In: Anais do 2º Simpósio Nordeste da ABHR. 2015. 15f.
- PINTO JÚNIOR SJ, Luis Araujo. O Padre Ibiapina, precursor da opção pelos pobres na Igreja do Brasil. In: *Perspectiva Teológica*, nº 34, 2002. p. 197-222.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *A revolução faltou ao encontro: Os comunistas no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

Data de submissão: 05/09/2019

Data de aprovação: 10/10/2019